

## “EU SOU O ONTEM, O HOJE E O AMANHÃ”

(LIVRO DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO, CAP. 64)

---

*Maria Helena Trindade Lopes*

“Sem saber se o tempo existia, se aquele desfilar durara um segundo ou cem anos, se existia um Siddhartha ou um Gautama, um Eu e outros, profundamente ferido por uma seta divina que lhe causava prazer, profundamente fascinado e exaltado, Govinda permaneceu ainda um momento inclinado sobre o rosto pacífico de Siddhartha, que acabara de beijar, o rosto que fora o palco de todas as formas presentes e futuras”

Hermann Hesse, *Siddhartha*

Quando estudamos a civilização egípcia há dois fenómenos que, inevitavelmente, nos surpreendem. Um prende-se com a durabilidade desta civilização. O outro refere-se à manutenção quase absoluta das diferentes expressões do seu rosto.

Aparentemente, uma e outra realidade são distintas, mas quando nos debruçamos sobre a história do Egipto faraónico compreendemos que ela durou, exactamente por que se manteve, ao longo de três milénios, fechada sobre si própria, num discurso e numa postura que remontava às origens do mundo e da sua história<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os dois mais importantes trabalhos sobre a forma como os egípcios entendiam o passado (e a história) e, com base nele, construía o presente e projectavam o futuro são: D. B. Redford, *Pharaonic King-lists, Annals and Day-Books. A contribution to the study of the*

É evidente, e tem sido sobejamente explicitado, que esta civilização beneficiou de um espaço propício ao seu desenvolvimento e manutenção<sup>2</sup>: boas fronteiras naturais, um rio que não só fertilizava as terras como permitia também a circulação interna e o acesso ao Mediterrâneo, boas terras de cultivo, especialmente no Delta, e inúmeras riquezas naturais.

Mas tudo isto não justifica, por si só, a durabilidade de uma civilização. Esta deve-se, essencialmente, à forma sábia como os homens que a moldaram, que lhe deram voz, apreenderam a mensagem do seu espaço, produzindo uma ideologia que traduzia a realidade suprema desse espaço: a vitória da vida sobre a morte, da luz sobre as trevas, a conquista da eternidade. Por isso, a ideologia faraónica é fundamentalmente conservadora, “fixista”, assentando no respeito pela tradição<sup>3</sup>. Era esta que ligava o presente à plenitude da Origem. À Primeira Vez, ao tempo do Demiurgo, quando tudo fora criado.

Assim, a Primeira Vez marca o aparecimento do mundo na sua ordem e, por isso, prefigura-se como o referencial, o modelo original, em relação ao qual tudo deve ser avaliado<sup>4</sup>. Deste modo, os acontecimentos e as acções humanas que se desenrolam ao longo dos tempos, não são senão repetições de modelos arquétipos, invocando precedentes míticos ou normas divinas.

O passado confunde-se sempre com a Primeira Vez e, por isso, a tradição<sup>5</sup>, principal dogma da ideologia faraónica, veiculada muitas vezes

---

*Egyptian Sense of History*, Mississauga, Benben Publications, 1986 e P. Vernus, *Essai sur la conscience de l'Histoire dans l'Égypte pharaonique*, Paris, Librairie Honoré Champion, Editeur, 1995.

<sup>2</sup> Vd. M.<sup>a</sup> Helena Trindade Lopes; F. Themudo Barata, *Sentir o Espaço – Do Silêncio da Terra à Sedução do Mar*, Lisboa, Brisa/Ed. Estampa, 1997, pp. 51-54; pp. 91-98 e pp. 111-114 e, ainda, M.<sup>a</sup> Helena Trindade Lopes, “Da leitura do espaço à interiorização da sua mensagem – a construção de uma civilização” in *Revista da F.C.S.H. (n.º 11)*, Lisboa, Ed. Colibri, 1998.

<sup>3</sup> Vd. Ph. Derchain, “Le rôle du roi d'Égypte dans le maintien de l'ordre cosmique” in *Le pouvoir et le Sacré*, Bruxelas, 1961, pp. 61-73 e, ainda, J. Assmann, “State and Religion in the New Kingdom” in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt* (ed. W.K. Simpson), New Haven, Connecticut, Yale University, 1989, p. 59.

<sup>4</sup> Cf. S. Sauneron; J. Yoyotte, *La Naissance du Monde*, Col. S. Or. 1, Paris, Ed. du Seuil, 1959, p. 77; S. Morenz, *La Religion Égyptienne*, Paris, Payot, 1977, pp. 219-221; Ph. Derchain, “Kosmogonie” in *LÄ III*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1979, col. 752 e, ainda, E. Hornung, *L'Esprit du temps des Pharaons*, Paris, Philippe Lebaud Editeur/Éditions du Félin, 1996, pp. 33-48.

<sup>5</sup> A tradição era veiculada oralmente mas, sobretudo, pela escrita. Ambas cobriam a exten-



através dos ensinamentos dos antepassados, permitia chegar às verdades fundamentais, estabelecidas na origem pela divindade e, simultaneamente, transformava-se na chave, na grelha, a partir da qual se podia interpretar o presente e o futuro<sup>6</sup>. Por conseguinte, o curso do tempo não é entendido como uma sucessão de acontecimentos sempre diferentes, mas como a repetição ininterrupta do que foi feito na Primeira Vez.

Mas, para que a singularidade histórica não se dissolvesse em estereótipos generalizados, a ideologia vai conciliar duas exigências aparentemente irreduzíveis: o “imperativo da conformidade”, a exigência de equivalência<sup>7</sup> imposta pelo modelo arquétipo é conciliada com a exigência de distinção conferida pelo “imperativo da superação”<sup>8</sup>. Deste modo, embora os participantes da história não fossem senão actores, representando, continuamente, um certo número de papéis fixos, definidos desde a origem, conformando-se assim com modelos de referência, a sua actuação no “palco da vida” podia ser diferenciada, instaurando-se assim, entre eles, uma espécie de competição. E é através desta competição que a ideologia recupera a singularidade histórica, aparentemente afastada num primeiro momento.

No entanto, esta competição assenta ainda na confrontação com os precedentes<sup>9</sup> e, correlativamente, na verificação da sua ausência<sup>10</sup>.

É assim que se afirma a individualidade e a distinção. Pela superação das acções dos antepassados ou dos contemporâneos. E esta superação assume a dimensão de imperativo ético<sup>11</sup>. Implica distinção e diferença, mas nunca uma ruptura.

---

são da memória humana, vd. Ch. Eyre; J. Baines in K. Schousboe; M. Trolle Larsen (ed.), *Literacy and Society*, Copenhagen, 1989, pp. 91-119.

<sup>6</sup> Vd. J. Baines in R. Layton (ed.), *Who needs the Past? Indigenous Values and Archaeology*, Londres, 1989, pp. 131-149.

<sup>7</sup> É importante sublinhar que a ideia de que a imitação dá sentido ao acto ou à situação é uma norma culturalmente reconhecida.

<sup>8</sup> Vd. P. Vernus, *o.c.*, pp. 35-121.

<sup>9</sup> Vd. J. Assmann in H. U. Gumbrecht; U. Linker-Heer (ed.), *Epochenschwellen und Epochenstruktur im Diskurs der Literatur-und Sprachhistoire*, Frankfurt, 1985, p. 488.

<sup>10</sup> A ausência de precedentes exprime-se sempre por uma fraseologia própria, quer a nível dos particulares, como ao nível do Faraó. E esta ausência confirma, por um lado, o apoio divino dado à personagem que realiza um feito excepcional, nunca antes visto, afirmando simultaneamente a sua individualidade e singularidade Vd. P. Vernus, *o.c.*, pp. 62-70 e pp. 76-88.

<sup>11</sup> Esta dimensão aparece bem explicitada na relação pai/filho que serve, frequentemente,

Deste modo, a ideologia faraónica concilia “conformidade” e “superação”<sup>12</sup>. E se o primeiro imperativo é plenamente justificado pela invocação de precedentes míticos ou normas divinas, o segundo não escapa também à causalidade divina, pois a individualidade, a singularidade, mesmo assumindo a dimensão de prodígio, é integrada numa visão do mundo cuja ordenação e reordenação é ditada pela divindade, que conserva uma direcção permanente sobre a Criação. E é esta noção de ordenação que dá à ideologia egípcia, eminentemente “fixista”, um certo carácter dinâmico. Por um lado, dá lugar à evolução e ao progresso<sup>13</sup>, na medida em que o mundo pode ser ordenado, por outro vem completar o principal procedimento de que a ideologia dispõe para apreender e dar sentido à história, a redução a modelos de referência.

Tudo se resume, assim, aos desígnios de um Demiurgo que faz dos homens os seus auxiliares na organização e ordenação do mundo. E esta convivência entre a humanidade e a divindade, sujeita por vezes a crises<sup>14</sup>, dá à história o sentido de “remate” da criação.

Em síntese: a ideologia egípcia pensava a história, individual ou colectiva, como um prolongamento ou dilatação da criação, como a repetição de arquétipos<sup>15</sup> que podiam/deviam ser superados, de modo a permitir uma constante ordenação do mundo, inspirada, sempre, pelo Criador.

Construía-se e vivia-se o Eterno Momento Presente.

---

como exemplo. Vd. J. Assmann, “Das Bild des Vaters im alten Ägypten” in *Das Vaterbild im Mythos und Geschichte* (ed. H. Tellenbach), Stuttgart, 1976, pp. 17-49.

<sup>12</sup> Esta conciliação é alcançada através de quatro noções fundamentais: a de superação qualitativa, a de superação quantitativa, a de expansão e a de estados latentes a revelar. Vd. P. Vernus, *o.c.*, pp. 92-114 e, ainda, a um nível mais particular, E. Hornung, *Les dieux de l’Égypte. Le Un et le multiple*, Paris, Editions du Rocher, 1986, p. 166.

<sup>13</sup> Concebidos, no entanto, como o desenvolvimento natural de potencialidades latentes desde a origem.

<sup>14</sup> Mas estas são sempre passageiras, e derivam de uma desordem constitutiva do mundo, pois em última análise prevalece a cooperação num tempo fundamentalmente homogéneo. Os períodos de ordem e desordem, de prosperidade e de infortúnio, são também eles motivados pela atitude dos deuses face ao Egipto, em consequência das acções humanas. A ordem e a prosperidade testemunham a sua solicitude, a desordem e o infortúnio, o seu desinteresse. Vd. J. Assmann, *Re und Amun. Die Krise des polytheistischen Weltbilds im Ägypten der 18-20. Dynastie*. Friburgo, 1983, p. 285.

<sup>15</sup> Cf. E. Otto, *Wesen und Wandel der ägyptischen Kultur*, Berlin/Nova Iorque, 1960, pp. 65-66; S. Morenz, *o.c.*, pp. 220-222; N. Grimal, *Les Termes de la propagande royale égyptienne de la XIX<sup>e</sup> dynastie à la conquête d’Alexandre*, Paris, Imprimerie Nationale, 1986, pp. 45-49; J. Assmann, “State and Religion in the New Kingdom” in *o.c.*, p. 59; Idem, *Maat, l’Égypte pharaonique et l’idée de justice sociale*, Paris, Julliard 1989, p. 138.